

## **Narrativa mítica, gênero e poder religioso entre os Macuxi**

*Janira Sodré Miranda*

O poder religioso entre os macuxi<sup>1</sup> aparece bastante vinculado à figura do homem. A pajelança configura-se como uma atividade, predominantemente, masculina (Santilli, 1997:47).

A tradição cultural e religiosa entretanto está profundamente ligada às mulheres na medida em que baseia-se na tradição oral, da qual as mulheres co-participam e na qual são socialmente reconhecidas e valoradas (Santilli, 1997:48).

As contadoras de histórias trazem consigo a tradição de seu povo na forma de narrações que guardam mitos, ritos, orações propiciatórias, identificação de nomes, locais e objetos mágicos (Miranda, 1999).

Seu (re)-conhecimento aponta para uma outra forma de poder religioso dentro das comunidades macuxis. Um poder compartilhado com os homens que também dominam a tradição oral e a técnica da narração.

Este artigo aborda a experiência religiosa de mulheres macuxi e as peculiaridades de sua leitura da prática da pajelança; evidenciando as questões que se colocam para as relações entre os sexos nas comunidades e que interferem nas reapropriações criativas da tradição.

### **Discurso e ética**

---

<sup>1</sup>Os Maxuxi são um povo de língua caribe que habita a região circunvizinha ao Monte Roraima na porção nordeste de Roraima.

A prática discursiva de uma mulher ou de um homem macuxi está ancorada em uma legitimidade conferida pela tradição. Por este motivo a fala é, em geral, normalizada por um padrão ético onde a fórmula introdutória invariavelmente recorre a/o antepassado/a como fonte primeira do discurso.

Ao narrar sobre o modo de vida dos antigos ou histórias antigas (narrativas míticas), a mulher e o homem macuxis estabelecem uma ética de afirmação de sua própria humildade e de “seu pouco conhecimento” iniciando sua fala com uma expressão assemelhada a “meu pai, minha mãe ou meus avós é que contavam, mas eu não sei direito” só então inicia sua retórica, em geral profundamente conhecedora da tradição, em clara contradição com a modéstia externada no início do relato.

Mas esta ética da fala evidencia-se como uma prática cultural compartilhada pelos povos da região do vale do Rio Branco: “saber falar e saber escutar(...) são pólos equidistantes de uma mesma escala de sociabilidade.” (Farage, 1997: 117).

### **Os filhos do sol**

As mulheres macuxis, como o conjunto de seu povo, estão diante de um processo de contato ininterrupto com a sociedade envolvente. Este contato coloca novas questões para as comunidades. Questões estas que impõem um desafio de acomodação da tradição religiosa e cultural macuxi.

Neste processo de acomodação percebemos haver uma leitura específica das mulheres, lendo a partir da tradição seu lugar e espaço na narrativa mitológica, seja como narradora ou personagem.

## **Sobre mulheres e beija-flores**

Parece haver um descompasso entre o mito da gênese macuxi, narrado por um homem e a presença de mulheres no universo mitológico. Embora a maioria dos mitos exclua a presença de mulheres ou onde elas aparecem sejam colocadas em posições culturalmente reprováveis, as narradoras dão preferência a outras narrativas onde a presença das mulheres é constante.

Às vezes a narrativa é feita sobre um fragmento que enfatiza a presença feminina. As narradoras se posicionam sempre como “herdeiras da tradição”, ou seja, estão sempre muito próximas, muito referidas às suas mães, a seus pais, seus avôs, suas avós. Assim como, constantemente, aparecem nas narrativas femininas a temática das belas mulheres como aparições imateriais que manifestam-se para homens e os encantam, provocando problemas para ele e para toda a comunidade.

Algumas das narrativas escolhidas pelas mulheres macuxi confrontam-se com valores estabelecidos na cultura, na hierarquia social macuxi, visto que os personagens míticos são predominantemente de sexo masculino, visto ainda que na vida social possuem mais prestígio na comunidade pessoas adultas, com filhos ou, melhor ainda, com netos. Aliás são estas as características do líder político aldeão, como são estas as características do pajé: sexo masculino, adulto, filhos e netos.<sup>2</sup>

As narrativas femininas destacam sua proximidade com os “antigos”, com os mitológicos objetos encantados que auxiliavam nas atividades cotidianas, as possangas ou

---

<sup>2</sup> Embora, para a liderança religiosa, a crônica etnográfica, nos dê notícias de mulheres pajés, como algo bastante raro, mulheres macuxis não podem ser escolhidas como tuxaus (chefes políticos da maloca).

possanguinhas<sup>3</sup> feitas de plantas, de ervas, de sementes. Ervas estas que possuem poderes de atrair animais na caça – caso dos homens – ou de manter em níveis aceitáveis a fermentação do caxiri<sup>4</sup> - no caso das mulheres.

As plantas, como vimos, ocupam um lugar destacado nas práticas religiosas macuxi.

Em muitas narrativas de mulheres o tradicional conhecimento xamânico (sobre o uso mágico dos vegetais, por exemplo) é passado às filhas, cujo aprimoramento nas artes mágico/religiosas parece ser encarado com bastante tranquilidade – ao menos é o que transparece nas releituras feitas pelas próprias mulheres.

De fato o conhecimento das plantas mágicas joga um papel fundamental em se tratando de poder religioso na sociedade macuxi. Visto que as sessões de pajelança, as curas, as viagens oníricas, as possangas e outras poções mágicas são atividades correlatas ao conhecimento e à manipulação dos vegetais.

Alguns dos rituais da pajelança macuxi consistem no uso de vegetais em ações sagradas onde o pajé executa gestos de batimento no solo com tipos específicos de plantas. Neste sentido é bastante significativa a nomenclatura usada para tratar o pajé no cotidiano aldeão: “o bate-folhas”.

Para realizar os rituais de xamanismo o pajé utiliza-se de elementos que favoreciam os sonhos e as viagens oníricas. Nesta preparação novamente aparecem como cruciais as diversas formas de utilização mágica das plantas, das folhas e das flores no preparo das poções.

Para ser introduzido na realidade dos sonhos, para adentrar nesta outra

---

<sup>3</sup>Amuletos e outros objetos propiciatórios, mágicos.

<sup>4</sup>Cauim, bebida fermentada de mandioca

dimensão, neste mundo dos seres imateriais, o pajé deve perceber uma presença marcando sua passagem para o sobrenatural: o beija-flor. Este pássaro aparece associado à leveza do corpo - já preparado com a ausência de alimentos (o jejum ritual, obedecido pelos xamãs); associado também ao vôo necessário ao pajé para que vá a outros mundos em busca de soluções de cura, em busca de almas raptadas.

Essa presença do beija flor é registrada em outros povos do vale do Rio Branco (N. Farage, 1997:178), mas algo de novo nos é apresentado pelas narradoras das viagens mágicas dos pajés de outrora: “...esse beija-flor virava...apresentava pra mulher”, ou seja este pássaro símbolo da leveza, do poder do pajé é, em última instância, representado por uma mulher que apresentando-se ao pajé confere-lhe o poder de que necessita para as intermediações que faz entre estes mundos cheios de mistérios nos quais penetra.

Mas a própria introdução da presença do beija-flor que se transmuta em mulher é feita de maneira ambígua, na medida em que essa mudança é anunciada de modo muito sutil. Essa sutileza demonstra os cuidados dos quais cercam-se essas narradoras no manejo da tradição.

A sutileza não deixa, porém lugar à dúvida quanto à ligação entre o poder religioso masculino e a figura da mulher. Essa correlação entre o pássaro-símbolo do poder religioso macuxi e a mulher demonstra com clareza as elaborações feitas pelas mulheres desta tradição bastante centrada na figura masculina.

Entre beija-flores, que no fundo são mulheres, entre sementes de um passado perdido, mas presente. Alinhadas com a organização supra aldeã de seu povo e ao mesmo tempo como vozes dissonantes. Reagrupando elementos e relendo-os com olhos de mulher: aí encontramos as “filhas do sol”.

As reapropriações feitas por estas mulheres evidenciam que a posição social dada a mulheres e homens dentro da sociedade macuxi estabelece um lugar de leitura da tradição que informa leituras plurais - divergentes das leituras masculinas - do passado de seu povo.

### **Referência Bibliográfica**

#### **Manuscrito**

Biblioteca do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro

MEYER, Alcuíno . *Coletânea de mitos*. S/d.

#### **Documentos impressos**

KOCH-GRUBERG, Theodor. *Del Roraima al Orinoco*. Caracas: Ediciones del Banco Central de Venezuela. Tomo I, II e III. 1979

RICE, Alexander Hamilton. *Exploração da Guiana Brasileira*. Belo horizonte: Itatiaia/São Paulo: EDUSP. 1978.

RAPOSO, Gabriel Viriato. *Autobiografia do tuxaua e delegado da FUNAI*. Arquivo indigenista da Diocese de Roraima.

SILVA, Julieta. Morô Panton. *Belas Histórias*. Boa Vista: Governo de Roraima. 1995.

MAKUXI PANTON, *Histórias Macuxi*. Cartilha bilíngüe No. 03. 1989.

#### **Bibliografia**

BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: T. de Queiroz. 1977.

CERTEAU. Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense 1982.

- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand do Brasil. 1990.
- CLASTRES, Hélène. *Terra sem mal: o profetismo Tupi-Guarani*. São Paulo: Brasiliense. 1978.
- CUNHA, Manuela Carneiro. *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras. 1992.
- DINIZ, Edson Soares. *Os índios makuxi do Roraima e sua instalação na sociedade nacional..* São Paulo: Imprensa Oficial do estado. 1972.
- ELIADE, Mircea. *La Busqueda*. Buenos Aires: La Aurora. 1971.
- FARAGE, Nádia. *As flores da fala: práticas retóricas entre os Wapishana*. São Paulo: Tese de doutorado/USP. 1997. Datilografado.
- FERREIRA, Marieta M. e AMADO, Janaína(orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 1998.
- HOORNAERT, Eduardo(coord.). *História da Igreja na Amazônia*. Petrópolis: Vozes/CEHILA. 1992.
- MIRANDA, Janira Sodré. *Macuxi Pantón: história oral e experiência religiosa macuxi*. São Paulo. 1999. Datilografado.
- ROSADO, M. J. F. Gênero: Saber, poder e religião. In: *Mandrágora*, Ano 02 No. 02. 1995.
- SANTILLI, Paulo. *As fronteiras da república: história e política entre os macuxi no vale do Rio Branco*. São Paulo: EDUSP/FAPESP.1994.
- SANTILLI, Paulo. *Pemongon Patá: Território Macuxi, rotas de conflito*. São Paulo: Tese de doutorado/USP. 1997. Datilografado.
- SCHOTT, Robin. *Eros e os processos cognitivos. Uma crítica da objetividade em filosofia*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1996.

SOUZA, Sandra Duarte de. *Hermenêutica do Mito: religião e relações de gênero entre os Nhandeva e Mbya da aldeia Rio Silveira*. Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista de São Paulo. Datilografado.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.